



O USO DE GRUPOS FOCAIS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS

The use of focal groups in ethnographic research with children

Flávia Ferreira **PIRES**
Departamento de Ciências Sociais (UFPB)
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil
ffp23279@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0572-3542>

Patrícia Oliveira Santana dos **SANTOS**
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Campina Grande/PB, Brasil
patriciaoss1288@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0074-3413>

Mais informações da obra no final do artigo

RESUMO

Partindo de experiências empíricas de pesquisa, o presente trabalho visa problematizar algumas questões metodológicas na pesquisa etnográfica com crianças. Destacaremos o uso da etnografia como metodologia principal, sobretudo quando se tem a possibilidade de realização de uma pesquisa prolongada, mas nos deteremos principalmente no uso da técnica dos grupos focais. O grupo focal pode auxiliar a etnografia em pesquisas menos prolongadas e com restrição orçamentária. A partir de experiências do Grupo de Pesquisa CRIAS – Criança, Sociedade e Cultura, da Universidade Federal da Paraíba, buscamos apresentar as vantagens e os limites da utilização dessa técnica de pesquisa que ainda é pouco explorada pelas ciências sociais e humanas e pelos estudos da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo focal; Criança; Metodologia; Etnografia; Antropologia.

ABSTRACT

Draw from empirical research experiments, the present work aims to problematize some methodological issues in ethnographic research with children. We will emphasize the use of ethnography as the main methodology, especially when one has the possibility of conducting an extended research, but we will focus mainly on the use of the focal group technique. The focal group may assist ethnography in less time-consuming and budget constrained research. Based on the experiences of the Research Group CRIAS - Child, Society and Culture of the Federal University of Paraíba, we seek to present the advantages and limitations of the use of this research technique that is still little explored by the social and human sciences and by Childhood Studies.

KEYWORDS: Focal group; Child; Methodology; Ethnography; Anthropology.

1. INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho surge a partir de experiências anteriores de pesquisas realizadas com crianças nas quais utilizamos o método etnográfico como metodologia principal, mas atrelamos a ele outras técnicas de pesquisa que nos auxiliaram no desenvolvimento dos trabalhos. Nesse sentido, almejamos trazer algumas reflexões a respeito das metodologias de pesquisas, do método etnográfico e de técnicas auxiliares na pesquisa etnográfica com crianças, com destaque para a utilização de Grupos Focais.

O Grupo Focal foi descrito e apresentado como técnica na sociologia pela primeira vez por Emory S. Bogardus no ano de 1926. O trabalho foi realizado junto a alunos de uma escola através do incentivo para expressarem suas ideias. A partir desse trabalho de pesquisa E. Bogardus constatou a riqueza das discussões realizadas em grupo, sendo a técnica comparada com a das entrevistas individuais (DI CHIARA, 2005). Os Grupos Focais podem ser descritos enquanto “dispositivos de pesquisas nos quais o pesquisador tem como objetivo coletar informações sobre um tema específico, a partir do diálogo e do debate entre pessoas que fazem parte de suas investigações, reunidas num mesmo local e durante um certo período de tempo” (DALL’AGNOL et al, 2012, p.188). Como técnica o Grupo Focal “ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos” (VEIGA & GONDIM, 2001). Vale salientar que o uso do Grupo Focal requer a discussão de um tema específico que deve ser sugerido pelo pesquisador coordenador da pesquisa, ou seja, é necessário um conhecimento a respeito do referencial teórico em questão. Mas também é preciso que haja um conhecimento e uma preparação prática em relação a dinâmica a ser desenvolvida, como por exemplo, saber o melhor momento de intervir, para que o processo seja conduzido da melhor maneira possível. Mesmo tendo surgido a partir das Ciências Sociais, a técnica dos Grupos Focais foi, durante muito tempo, deixada de lado. Outrossim, a preferência era dada a entrevista semi-estruturada e a observação participante. No entanto, foi sendo retomada pela Antropologia Social especialmente nos estudos culturais e nas pesquisas em saúde, como aponta Lúcia Beatriz Ressel et al (2008) e, mais recentemente, no final da década de 1980, vem havendo um número maior de trabalhos envolvendo o uso dessa técnica por parte de seus precursores. Mas, todavia, parece-nos que ela ainda permanece muito pouco utilizada. Assim, visando

contribuir para a disseminação da técnica nos propomos a refletir sobre sua contribuição no que diz respeito às pesquisas realizadas com crianças.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar a contribuição de técnicas auxiliares, em específico o Grupo Focal, na pesquisa etnográfica com crianças, mostrando ainda as particularidades dos nossos sujeitos, que respondem de maneira particular à pesquisa quando da utilização desta técnica. Já trabalhamos com desenhos e redações feitos pelas crianças em algumas ocasiões e acreditamos que são técnicas bastante úteis (PIRES, 2007; SOUSA, 2014; DINIZ, 2018). Não apenas contamos com um resultado objetivo para análises posteriores, a própria obra da criança; como o momento de realização dos desenhos e redações é rico de interações sociais, diálogos e negociações. Fotografias e filmagens também aparecem como recursos metodológicos bastante utilizados na pesquisa com crianças, seja como autores das obras ou retratados nelas. Mesmo estas últimas não sendo técnicas de pesquisa exclusivas das crianças, elas podem se mostrar mais sabedoras e abertas a utilização de alguns instrumentos tecnológicos do que os adultos (LIMA e NAZÁRIO, 2014).

Nesse artigo, partimos de experiências empíricas de pesquisas com crianças que seguimos realizando desde 2011 que versam sobre a temática do Programa Bolsa Família e nas quais observamos como algumas técnicas de pesquisa contribuem positivamente para o resultado do trabalho, sobretudo em contextos onde as pesquisas não são realizadas nos moldes de uma etnografia clássica, que demanda um tempo de disponibilidade prolongado e imersão em campo de no mínimo, um ano.

Destarte, o Grupo Focal é tomado como técnica que tem como objetivo produzir informações sobre um determinado tema específico por meio da discussão participativa entre os sujeitos participantes. A técnica valoriza a interação entre os participantes e entre eles e o(s) pesquisador(es), sendo realizada a partir das discussões focadas em tópicos específicos e diretivos. Essa organização concilia a troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes, além de potencializar o protagonismo dos envolvidos na medida em que eles dialogam e constroem coletivamente os resultados da pesquisa. Nesse sentido, a interação grupal permite ao pesquisador a compreensão de vários participantes sobre um tema em específico a partir de um único momento, o que otimiza a produção dos dados, - que demandaria mais tempo se eles fossem adquiridos de forma individual.

Faz jus também explicarmos que tomamos por etnografia o método onde o pesquisador participa ativamente da vida social do grupo que pretende estudar, compartilhando os vários momentos e experiências sociais de seu dia-a-dia,

reverberado através da técnica que ficou conhecida como observação participante. Essa relação permite uma interação do pesquisador com os atores sociais que fazem parte da realidade estudada e propicia um rico conhecimento para aquele que faz pesquisa social. Esse método de pesquisa ficou mais conhecido a partir da sistematização metodológica realizada pelo pesquisador e antropólogo Bronislaw Malinowski, o que lhe rendeu o status de pai da antropologia, sobretudo a partir do trabalho de pesquisa que lhe fez produzir a obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, que se tornou referência clássica e obrigatória nos estudos antropológicos.

Nos chamados *Childhood Studies*, corrente teórica que se firmou principalmente na Europa e EUA a partir dos anos 80, sob a liderança de Allison James na Inglaterra, a etnografia se apresenta enquanto um método central para se pesquisar com crianças. Allison James e Alan Prout (1990) destacaram que ela

é um método particularmente útil ao estudo da infância. Permite à criança participação e voz mais diretas na produção de dados sociológicos do que normalmente é possível por meio das pesquisas experimentais (JAMES and PROUT apud SILVA & NUNES, 2002, p.18).

Todavia é preciso notar que A. James, em entrevista recente afirmou que a etnografia é uma das metodologias possíveis, embora já tenha sido considerada um dos pilares do "paradigma dos *Childhood Studies*".

E1: "No que se refere à metodologia, você ainda afirma que a etnografia é o melhor método para pesquisar crianças?"

AJ: "Não – é um entre muitos, mas como antropóloga eu ainda adoraria fazer mais etnografia. Tempo e dinheiro frequentemente tornam isso irreal agora e o crescimento de abordagens participativas significa que é melhor pensar em abordagens com métodos combinados dos quais a etnografia poderia fazer parte. Mas mesmo a etnografia tradicional obviamente inclui entrevistas, *surveys*, etc" (PIRES e NASCIMENTO, 2014: p. 941).

É nesse sentido enfatizado por Allison James de métodos combinados que propomos a etnografia junto com os grupos focais, principalmente em contextos de restrição de financiamento de pesquisa, o que nos força a ficar em campo menos tempo do que gostaríamos. São métodos combinados que podem render resultados mais completos.

Constatamos também que métodos combinados ainda são raros na Antropologia, que continua conservadora, ao passo que os educadores, por exemplo, há muito se aventuram em terra estranhas, produzindo conhecimento que se pode dizer interdisciplinar. Ainda que a etnografia seja a base metodológica da Antropologia, ao

ponto de alguns autores destacarem que não há antropologia sem etnografia e nem etnografia sem antropologia (AGIER, 2015), ela vem cada vez mais ganhando espaço em áreas afins, a exemplo dos campos da educação, geografia, psicologia, saúde, história, etc. Nesse sentido, a pesquisadora Cláudia Inês Horn já destacou que “A área da educação apropriou-se dela, e a etnografia vem cada vez mais ocupando espaço nas recentes pesquisas [...]” (HORN, 2013, p. 02).

Igualmente ao pesquisador Antonio Luiz da Silva (2018) estamos distinguindo método de técnica - usamos a etnografia enquanto uma metodologia e quando nos referimos ao grupo focal, estamos nos direcionando a uma técnica de pesquisa, entendemos que há aí uma diferenciação didática. E assim como Mary Rangel (2007):

a origem da palavra “método” justifica-se pela existência de um caminho, de um meio, para se chegar a um ou vários objetivos [...] Já a palavra “técnica” tem sua origem justificada no “como fazer” o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento. Assim, o método é o caminho, e a técnica é “como fazer”, “como percorrer” esse caminho (RANGEL, 2007, p. 9).

Este artigo faz parte dos esforços de pesquisa e debates acadêmicos em torno da etnografia na pesquisa com crianças. Enquanto área de pesquisa, chegamos a um ponto em que ou avançamos teórica e metodologicamente ou corremos o risco de deixar de existir. Por isso, desejamos contribuir para o debate colocado por Ferreira e Nunes (2014), e novamente suscitado em 2018 no Simpósio Temático “Os desafios que as crianças lançam à etnografia” - questões epistemológicas, metodológicas e éticas no encontro da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES) em Florianópolis, em que estiveram reunidas muitas pesquisadoras.

Nossa ideia é, portanto, a de que o grupo focal, em particular, é bastante útil na pesquisa com crianças, principalmente quando associado à etnografia. Além de ser uma forma otimizada de produzir dados, como já afirmamos acima, a técnica do Grupo Focal quando realizada com o rigor necessário permite a interação dos participantes, a troca de experiências, além da possibilidade de concordar ou discordar das opiniões apresentadas, “constituindo-se num recurso valioso para explorar questões pouco investigadas ou tópicos mais sensíveis” (DALL’AGNOL et al, 2012). É necessário, no entanto, a realização antecedente de um planejamento rigoroso que abarque o recrutamento dos sujeitos, o desenvolvimento das sessões, as intervenções a serem realizadas por cada pesquisador participante da pesquisa, dentre outras coisas que demandam organização para que a atividade seja desenvolvida.

Este artigo está dividido em duas partes, além da introdução e conclusão. Faremos uma breve apresentação de metodologias utilizadas em pesquisas antropológicas com crianças e, depois, apresentaremos dois trabalhos de campo realizados em Catingueira (PB) e João Pessoa (PB), nos anos de 2011 e 2018. Finalmente concluiremos chamando a atenção dos benefícios que essa combinação de métodos e técnicas pode trazer, principalmente para os dias de hoje, em que restrições financeiras acabam por sabotar nosso desejo de permanecer por mais tempo em campo.

2. METODOLOGIAS NAS PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS COM CRIANÇAS

A antropologia “estabeleceu sua identidade como ciência por meio de uma abordagem metodológica na qual a observação participante tornou-se elemento central” (SILVA, 2006, p. 13). Embora o antropólogo culturalista norte-americano Franz Boas já tenha feito trabalho de campo, foi com Bronislaw Malinowski (1984) que a técnica da observação participante se estabeleceu mais sistematicamente como forma de abordagem da vida social. A observação participante pode ser tomada como sinônimo da etnografia, embora a etnografia também possa ser entendida como o próprio texto antropológico. Para fins desse artigo trataremos a etnografia como o trabalho de campo antropológico. Na realização de pesquisas com crianças o método etnográfico é tomado por alguns autores como sendo primordial para se entender o processo de participação das crianças na vida social (CARVALHO & NUNES, 2007).

Maria Rosário de Carvalho e Ângela Nunes (2007) destacam que as crianças seguem um protocolo de abordagem metodológica semelhante a dos adultos na relação com os pesquisadores, respondem entrevistas, conversam, permitem serem observadas. No que diz respeito a realização de entrevistas, Priscila Alderson (1993) destaca que as diferenças entre crianças e adultos são de grau, e não de tipo. Os adultos elaboram respostas fazendo maiores conexões e de forma mais detalhada que as crianças. No entanto, a autora destaca que isso nada tem a ver com a questão da maturidade, mas que isso acontece dada a inexperiência das crianças; estas, por sua vez, quando dominam o assunto pesquisado tendem a se expressar com igual destreza. Por isso é que A. James e P. Christensen (2000) afirmaram que pesquisar crianças não necessariamente requer a utilização de métodos especiais ou diferentes daqueles

utilizados na pesquisa com adultos. Segundo as autoras, os métodos de pesquisa devem ser adaptados de acordo com o contexto de pesquisa.

Pesquisar crianças nos ajuda a compreender melhor os adultos e suas experiências culturais, ou, como coloca o sociólogo Manuel Sarmiento (2008) também ajuda a compreendermos melhor a sociedade em que vivemos. Ademais, o autor ainda destaca que o estudo sobre infância não se ocupa apenas com as crianças, mas “é, com efeito com a totalidade da realidade social” (SARMENTO, 2008, p.19). Nesse sentido, mesmo que o interesse do pesquisador não esteja diretamente na criança, faz-se importante que seu olhar também se volte até ela. Ao mesmo tempo, os pesquisadores Manuel Sarmiento e Manuel Pinto ainda destacam que é preciso tomar cuidado para que na realização da pesquisa com crianças não olhemos apenas aquilo que é o reflexo de nossos próprios preconceitos e representações adultas (SARMENTO, PINTO, 1997). É preciso que nos desvencilhemos de um olhar adultocentrado. Nessa perspectiva Fernanda Muller (2003) vai chamar a atenção de que o desafio vai além da emergência de um novo olhar - segundo a autora deve-se pensar em mudanças de posturas, de práticas e de políticas com vista a eliminar o preconceito enraizado pelo olhar adultocêntrico, no sentido de considerarmos as crianças em todas as esferas políticas e sociais, levando-as em conta, por exemplo, quando da realização de um projeto político para o desenvolvimento urbano, onde em geral não temos espaço para os anseios urbanísticos das crianças. Por isso, Matisse (1983) aconselha ao pesquisador que se esforce para se colocar no ponto de vista da criança, tentando ver o mundo com os olhos da criança, como se tudo visse pela primeira vez. Para tanto, é necessário que o pesquisador realize um esforço de relativização e descentralização de seu olhar adulto para que este seja capaz de entender através das falas desses pequenos, os mundos sociais (QUINTEIRO, 2002). Assim,

devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Segundo a antropóloga Marina Saraiva (2009), o maior desafio na realização da pesquisa com crianças é “reconhecer na criança um objeto legítimo de estudo” e para que isso ocorra se faz necessário que o pesquisador enxergue a criança não como “seres incompletos, treinando para a vida adulta” (COHN, 2005, p. 21), mas tomando-a enquanto um ator social, porque acreditamos, assim como coloca a antropóloga Clarice Cohn, que “a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas

qualitativa; dessa forma, a criança não sabe menos, ela sabe outra coisa” (COHN, 2005, p. 33).

Outro ponto importante quando se trata de pesquisar crianças, e que segue nessa mesma perspectiva, é tentar quebrar a hierarquia existente pela barreira geracional, pois, muitas vezes, o pesquisador é tomado por tio(a) ou professor(a), o que vem a designar uma relação de hierarquia e autoridade em relação a criança. Essa questão nos leva a refletir sobre como a ética na pesquisa em ciências sociais ou humanas é delicada. Em qualquer participação de criança na pesquisa, esta deve ser considerada enquanto sujeito social e consultada sobre o seu interesse em fazer parte, que em caso positivo deve-se seguir os procedimentos éticos de consentimento e autorização de pesquisa. No entanto, a ética é um processo de negociação permanente, não se extingue na assinatura de documentos ou em um comitê de ética. Diríamos até que a ética envolve o compromisso social de um pesquisador com a comunidade de crianças pesquisadas. Pensar sobre a ética na pesquisa com crianças é de extrema importância, embora sejam poucos os pesquisadores que têm se atentado para isso, a exemplo dos pesquisadores Sônia Kramer (2002) e Antonio Luiz da Silva (2018).

Mesmo acreditando que para pesquisar crianças não precisamos de métodos e técnicas diferentes daquelas utilizadas por adultos, consideramos válida a combinação de métodos, para atender as particularidades da população com a qual estamos em diálogo. Gostaríamos agora de descrever nossas experiências com a utilização da técnica de Grupos Focais na pesquisa etnográfica com crianças em dois contextos distintos, apontando os ganhos e limites dessa abordagem.

3. EXPERIÊNCIAS DE GRUPOS FOCALIS NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS: DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Como apresentado acima, nesse trabalho partimos das experiências de pesquisas com crianças desenvolvidas sobretudo nos anos de 2011, e mais recentemente em 2018. Nossas experiências partem de diferentes contextos sociais, um pequeno município no sertão da Paraíba, chamado Catingueira e em um bairro periférico e rural da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Desde 2010 nosso grupo de pesquisa CRIAS realiza pesquisa com crianças com um conjunto de técnicas de pesquisas auxiliares, desenhos, redações, conversas informais, brincadeiras, dinâmicas

de interação e grupos focais. Nossas experiências de pesquisas etnográficas com crianças que envolvem o uso de Grupos Focais se reportam principalmente a experiências de pesquisas realizadas com grupos de pesquisadores (PIRES 2007; SANTOS 2011, 2014; SILVA 2011; SOUSA, 2011). Conforme apresentado por Maria Cecília Minayo (2015) o desenvolvimento da técnica do Grupo Focal prioriza a atuação de um grupo de pessoas; além da presença de um coordenador, a técnica ainda “exige a presença de um animador e de um relator” (MINAYO, 2015, p. 68).

Para um melhor desenvolvimento da atividade empírica onde seria aplicada a técnica do Grupo Focal, desenvolvemos inicialmente um rigoroso planejamento de pesquisa através de encontros acadêmicos a partir do qual realizamos um *script* de atuação, que chamados de Oficinas de Pesquisas. Elas foram previamente pensadas e planejadas e envolviam várias fases distintas. Primeiramente, demos o convite aos participantes – que ocorre antes do dia da Oficina de Pesquisa propriamente dita. As Oficinas compreendem: dinâmica de interação, assinatura do termo de consentimento, confecção de crachá, roda de perguntas (grupo focal, propriamente dito), desenvolvimento de desenhos e dinâmica de finalização, cada uma delas será descrita de forma detalhada mais adiante. É importante destacar que quando trabalhamos com desenhos como recurso metodológico na pesquisa antropológica com crianças, assim como outros recursos a exemplo da fotografia, redações e diários, a produção e elaboração é feita pela própria criança, sendo dela a interpretação, explicação e comentário em relação ao que foi realizado. Nesse sentido, “não cabe ao pesquisador um papel de interpretações psicológicas dos materiais, mas uma análise mediante as explicações dos interlocutores” (CORREIA e SARAIVA, 2018, p. 03).

Podemos considerar que a Oficina de Pesquisa tem, como momentos chave, o Grupo Focal e a realização dos desenhos. O Grupo Focal foi sempre pensado tentando suscitar, ao máximo, a livre participação das crianças e prevendo táticas de inclusão de todos os participantes; analisando e respeitando as diferentes falas e tentando manter sempre o caráter lúdico em todos os momentos, mas sem desconsiderar a seriedade do trabalho e seu caráter científico. A seguir apresentamos o processo descritivo de todas as etapas pensadas e executadas para a Oficina de Pesquisa.

Nossa primeira experiência de pesquisa utilizando a técnica de grupos focais com crianças se deu no ano de 2011 na cidade de Catingueira, no sertão da Paraíba. Inicialmente entramos em contato com a direção da escola local a fim de que nos disponibilizasse o espaço para a realização da pesquisa. Não desejávamos interromper as atividades que estivessem sendo realizadas no espaço escolar, por isso optamos pelo

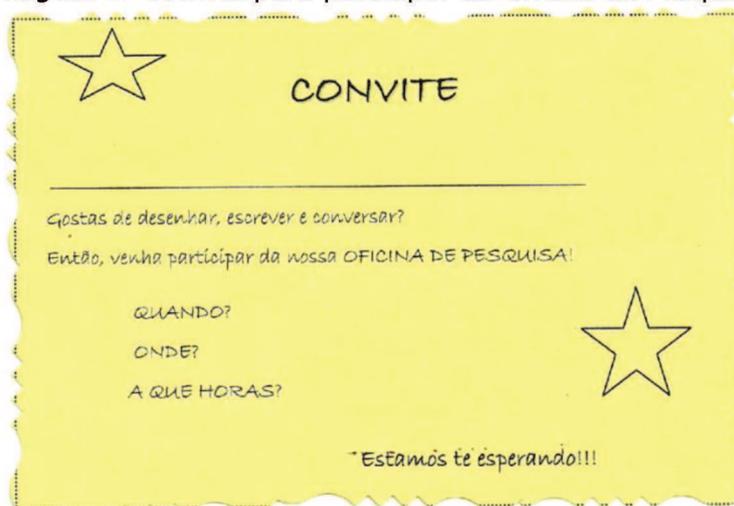
final de semana. Ao mesmo tempo, a escola é um espaço familiar para as crianças. Tanto nos dias de aula, quanto nos finais de semana, quando ela se torna um espaço de sociabilidades, já que a porta da escola é aberta para que as crianças possam usar o espaço do pátio para brincar. Dessa forma, a escola nos parecia o lugar ideal para realizar a pesquisa, se comparada a outros ambientes, como a prefeitura ou as sedes das igrejas, que poderiam levantar desconfiâncias por parte dos pais. Nesse sentido, gozamos do entendimento geral e moderno de que o lugar de criança é na escola, até no final de semana não há estranhamento quanto a essa presença.

Em seguida, passamos para a parte de recrutamento dos sujeitos da pesquisa, convidando as crianças a participarem da atividade. Levamos em consideração tanto o aspecto teórico metodológico que seguimos, a saber, a linha dos Estudos Sociais da Infância, que considera a criança enquanto um agente social atuante no meio em que vive, como o aspecto ético na pesquisa, respeitando a aceitação ou não da participação da criança na pesquisa. Assim, nosso primeiro contato se deu diretamente com as crianças, a quem foram dadas as explicações em relação a como seria desenvolvida a Oficina de Pesquisa e convidando-as para participarem. Em caso positivo entregávamos à criança um convite impresso e, em seguida, pedíamos a autorização de seus pais ou responsáveis. A escolha das crianças foi feita a partir das casas onde nos hospedamos durante o trabalho de campo. Muitas crianças foram indicadas por outras crianças e nosso critério de escolha era que a criança fosse beneficiada pelo Programa Bolsa Família. Nessa seleção privilegiamos as crianças que gostavam de conversar. A escolha por crianças beneficiárias pelo Programa Bolsa Família (PBF) encontra-se inteiramente relacionada com o tema que desejávamos pesquisar, por isso a justificativa da escolha de crianças que pertencessem ao programa e também por levarmos em consideração que quando se pretende realizar o uso de Grupos Focais é necessário que haja um ponto de semelhança entre os participantes. Assim, ser beneficiário do PBF era um lugar comum entre os sujeitos que participaram da pesquisa.

Seguir esse caminho nos faz respeitar os aspectos éticos na pesquisa com crianças, pois consideramos, em primeiro plano, sua vontade em colaborar com a pesquisa. Essa atitude evitou que aquelas crianças que não desejassem participar da pesquisa fossem forçadas por seus pais que poderiam rezear por alguma retaliação financeira em relação ao valor pecuniário, já que nosso tema de pesquisa girava em torno das mudanças ocorridas no seio familiar através da introdução do recebimento do dinheiro do Programa Bolsa Família. O convite foi impresso em papel colorido com informações claras e diretas em relação à Oficina de Pesquisa e onde escrevemos, à

mão, as informações em relação ao dia, local, horário e o nome da criança. As crianças demonstraram alegria e ficaram orgulhosas pelo recebimento do convite; uma delas ressaltando, inclusive, que nunca havia recebido um convite na vida. Outro detalhe se refere ao fato de que no dia da realização da Oficina muitas crianças chegaram ao local indicado com o convite na mão, quase como se fosse uma senha de entrada, ainda que não tenhamos feito qualquer menção a essa necessidade. Para a gente, o convite era uma forma lúdica de tentar uma maior aproximação com elas. Para elas, o convite foi coisa séria. Além disso, marcava o território dos incluídos na pesquisa, o que contribuiu para o sentimento de orgulho em poder participar da atividade que foi demonstrado pelas crianças.

Imagem 1: Convite para participar da Oficina de Pesquisa



Fonte: Acervo pessoal do Grupo de Pesquisa Crias - criança, sociedade e cultura

Em João Pessoa a pesquisa foi realizada em uma ONG – Escola Viva Olho do Tempo – e, da mesma forma como em Catingueira, também apresentamos a pesquisa para a direção local e solicitamos um espaço para a realização da atividade. A coordenadora local separou grupos de criança conforme as faixas etárias que havíamos solicitado e também nos disponibilizaram uma sala para que pudéssemos realizar a pesquisa com as crianças sem a presença de demais adultos. Seguimos a mesma diretriz de perguntar às crianças se desejavam participar da pesquisa. Desde o início deixávamos claro que a participação era voluntária. Um menino de 10 anos não quis participar e respeitamos sua vontade afirmando que isso não implicaria em nenhum dano para ele. Ao que ele imediatamente saiu da sala. Em Catingueira, todas as crianças aceitaram participar e se mostraram bastantes receptivas à proposta.

Todavia, o que para nós era algo aceitável, a recusa em participar, no contexto na ONG não era. Além de dispensar a criança que se recusou a participar, deixamos

que o menino levasse o lápis que a ele tinha sido dado para assinar o termo de livre consentimento. Todas as crianças levariam, ao final da Oficina de Pesquisa, o lápis para si. Para a coordenadora da ONG, ele não deveria ter tido o direito ao material escolar já que se recusou a participar da atividade. Para ela, era necessário exigir a participação das crianças em alguns momentos como moeda de troca; afinal, se elas se beneficiam de estar naquele ambiente agradável, elas devem contribuir quando são solicitadas.

Outro motivo de insatisfação foi demonstrado uma vez que fora da sala ele estava sem atividade, livre, ao passo que todas as outras crianças estavam envolvidas em suas atividades, consideradas mais ou menos prazerosas. Conversamos com a coordenadora e embora possamos compreender suas razões, a pesquisa etnográfica trabalha com uma lógica diferente daquela de um ambiente escolar que, mesmo não formal, é um ambiente com suas regras próprias como pode ser percebido no trabalho de Karla Mendonça (2018) realizado nesse mesmo ambiente. Felizmente só tivemos esse caso de recusa em participar; de contrário, teríamos que descobrir juntas com a coordenação e as próprias crianças uma maneira de dirimir esse problema.

Imagem 2: Oficina de pesquisa - momento do grupo focal.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Crias - criança, sociedade e cultura.

Às crianças que desejaram participar da pesquisa foi dado um termo de livre consentimento de participação, produzido com uma linguagem simples e direta para ser preenchido por elas, conforme pode ser observado na imagem abaixo. O termo era lido por nós para que as crianças que, por ventura, tivessem alguma dificuldade de leitura pudessem realmente entender o que estava escrito.

Imagem 3: Termo de Livre Consentimento de Participação.

OFICINA DE PESQUISA
DO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS

- Termo de Consentimento -

☆ Sim, eu quero participar!

Eu
gostaria de participar da Oficina de Pesquisa sobre a opinião das crianças a respeito do Programa Bolsa Família.
Meu endereço é
.....
Meu telefone é Minha data de nascimento é
Minha assinatura Data

Fonte: Acervo pessoal do Grupo de Pesquisa Crias - criança, sociedade e cultura

Em seguida realizamos uma dinâmica de interação visando, com isso, quebrar alguma possibilidade de inibição que ainda houvesse. O pesquisador responsável pela dinâmica inicial de interação mantinha o foco no processo de apresentação (nome, idade, onde e com quem mora e finalizava falando algo sobre sua vida, como o que mais gosta de fazer ou alguma coisa engraçada). Visamos aqui, também, a interação, tentando uma maior aproximação entre as crianças e entre elas e as pesquisadoras. Ainda nesse processo, uma das pesquisadoras contava uma história de forma lúdica visando captar a atenção das crianças. Realizar essa dinâmica de interação nos leva na mesma direção de Saraiva (2009), que acredita que brincar com as crianças pode se mostrar enquanto uma estratégia interessante, uma vez que esses momentos de descontração e brincadeira trazem dados que através de uma coleta não espontânea, como os dados coletados através de entrevista, por exemplo, não conseguiriam coletar. Logo no início as crianças já davam sinais sobre seus comportamentos: mais inquietas, mais comunicativas e mais introspectivas. Saber isso previamente é importante para que o pesquisador saiba driblar dificuldades, evitando, por exemplo, que apenas uma criança detenha o poder de fala ou também que, percebendo uma criança mais tímida, possa ser estimulada a falar. Ou seja, é importante que o pesquisador esteja atento a todas as manifestações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto aquelas verbais como as não verbais para que o grupo venha ser moderado da melhor forma possível. Outro fator a observar é onde se sentar na roda. Fazíamos uma roda no chão e o lugar dos

adultos era intercalado entre as crianças, de forma que pudéssemos dirimir brigas e incentivar ou frear algumas participações.

Após esse momento realizamos todos juntos, crianças e pesquisadores, a confecção de crachás, o que se colocou como uma atividade lúdica e estratégica, uma vez que o uso de crachás facilitava a comunicação com as crianças, caso necessitássemos conversar de forma mais direta com cada uma delas, chamando-as pelo nome próprio ou pela forma como elas mais gostavam de serem chamadas, como pelo apelido, pelo primeiro ou segundo nome ou ainda pelo nome composto. No momento de confeccionarmos os crachás também demos todos esses esclarecimentos às crianças conforme elas demandavam.

Imagem 4: Crachá confeccionado pela própria criança na Oficina de Pesquisa



Fonte: Acervo pessoal do Grupo de Pesquisa Crias - criança, sociedade e cultura

É importante destacar que os grupos de crianças foram divididos por faixa etária previamente escolhida para que assim pudesse facilitar o processo de interação e comunicação no momento em que fossem lançadas as perguntas e evitando, por exemplo, a junção de crianças mais novas com crianças bem mais velhas, o que para nós não parecia algo que contribuísse com a pesquisa. Assim, sempre selecionávamos as crianças que possuíssem uma faixa etária mais aproximada para uma composição mais homogênea do grupo; essa divisão facilita inclusive, a linguagem e a comunicação, pois crianças com idades mais próximas tendiam a possuir domínio do mesmo vocabulário, como o exemplo de Hilary, uma menina de 11 anos, que fez referência ao termo “amiga falsiane”. Essa gíria pré-adolescente, que quer dizer amiga da onça, amiga falsa, foi compreendida por todo o grupo de crianças.

Tabela: Divisão dos grupos focais por faixas etárias.

Oficina de Pesquisa Catingueira		Oficina de Pesquisa João Pessoa	
	Qta.		Qta.
Grupo 1 - 06 a 08 anos	2	Grupo 1 - 06 a 08 anos	2
Grupo 2 - 09 a 10 anos	2	Grupo 2 - 09 a 11 anos	2
Grupo 3 - 11 e 12 anos	2	Grupo 3 - 11 e 12 anos	2
Total de 3 pesquisadores por grupo		Total de 4 pesquisadores por grupo	

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras

Em Catingueira, cada grupo focal foi realizado com a presença de três pesquisadores e em João Pessoa com quatro. A coordenadora das pesquisas e também autora desse artigo permaneceu a mesma; além dela, uma das pesquisadoras participou dos dois campos (co-autora), o que contribuiu para uma melhor análise de ambos os momentos. É importante também colocarmos que mesmo que as pesquisas tenham sido realizadas por um grupo de pesquisadoras, nunca ultrapassamos o limite máximo de 6 crianças por grupo, pois consideramos que um número maior de crianças fugiria da nossa capacidade de compreensão das ricas dinâmicas que se passam no momento, e de análise posterior, mesmo que tenhamos sempre as transcrições dos áudios. Já realizamos grupo focal com quatro, cinco e seis crianças, mas quanto ao número de crianças, não poderíamos sugerir nenhuma regra de caráter geral, a não ser dizer que mais que seis crianças inviabiliza o processo. Um grupo menor pode ser tão difícil quanto um grupo maior, as idades implicam variações, assim como os contextos sociais das crianças. Mas acreditamos que realizar a técnica com um número elevado de crianças pode não contribuir para os resultados desejados, posto que é possível que haja falas concomitantes, brigas, gritos e desentendimentos, o que dificultaria o controle por parte dos moderadores. No que diz respeito ao uso da técnica entre adultos, a literatura apresenta uma variação entre seis a quinze pessoas. No entanto, quando se trata de pesquisas que envolvam crianças, nossa experiência empírica nos mostrou ser seis o número ideal para que seja possível a manutenção do controle da pesquisa, caso contrário nos parece ser difícil manter o foco na discussão proposta. Trad (2009) ao fazer uso dessa mesma técnica com adultos considerou, a partir de sua experiência, que dez participantes por grupo se colocava como um número adequado. Em uma situação mais específica chegou-se a montar um grupo com dezesseis pessoas, mas percebendo-se a impossibilidade de controle dividiu-se em dois grupos de oito. Quanto a isso parece não haver uma regra estabelecida, mas o tamanho ideal para a realização do grupo focal parece ser sempre aquele em que haja a possibilidade de

participação efetiva e a discussão adequada dos temas pelos sujeitos envolvidos (PIZZOL, 2004).

Em relação ao tempo gasto, nossos grupos focais variavam entre 15 a 40 minutos, tendo uma média de 25 minutos de duração.

O número de participantes no grupo focal incidirá, sem dúvida, na sua duração. A complexidade do tema ou o grau de polêmica em torno das questões que se apresentam são outros fatores que podem interferir neste ponto. Contudo, uma variação entre 90 (tempo mínimo) e 110 minutos (tempo máximo) deve ser considerada para um bom emprego da técnica (TRAD, 2009, p.783).

Realizados os processos das assinaturas do termo de consentimento, das dinâmicas de apresentação e interação, da confecção dos crachás, adentramos na roda de perguntas introduzindo paulatinamente o tema da pesquisa. As perguntas foram elaboradas em forma de um roteiro semiestruturado e antes de iniciarmos esse processo perguntamos as crianças se elas também nos autorizavam a gravação em áudio de suas vozes, informando sempre que tudo o que estávamos realizando serviria para o nosso trabalho na universidade. Não tivemos recusa por parte das crianças em relação a gravação; em alguns momentos, algumas delas se aproximavam do gravador para o olhar mais de perto demonstrando assim sua curiosidade em relação ao aparelho. Minayo (2015) destaca que é “necessário ressaltar que qualquer tentativa de assegurar o registro em toda a sua integridade precisa do consentimento dos interlocutores” (MINAYO, 2015, p. 69) e na pesquisa com crianças isso não ocorre de forma diferente.

O registro fidedigno, e se possível “ao pé da letra”, de entrevistas e outras modalidades de coleta de dados cuja matéria-prima é a fala, torna-se crucial para uma boa compreensão da lógica interna do grupo ou da coletividade estudada. Dentre os instrumentos de garantia da fidedignidade o mais usual é a gravação da conversa. Quando existe possibilidade de técnica e se observa abertura do grupo pesquisado, podem ser usados outros recursos como filmagens (MINAYO, 2015, p. 69).

Ainda não utilizamos o recurso da filmagem por falta de financiamento; com certeza, teríamos ganhos epistemológicos e metodológicos. “Câmeras, microfones e notebooks podem ser considerados recursos adicionais, cujo uso dependerá da utilização pretendida de som e imagem pelos pesquisadores” (TRAD, 2009, p.782). Enfatizamos mais uma vez, mesmo que tenhamos a autorização de seus responsáveis, a importância de pedirmos sempre a autorização da própria criança, para gravar e também para participar das atividades.

As perguntas foram divididas por blocos de temas, sendo o último deles o bloco com o tema central que desejávamos abordar, o que contribuía para que ao responderem as crianças mantivessem o foco no assunto abordado naquele momento. Antes de iniciar deixamos claro que apenas gostaríamos de saber suas opiniões em relação às perguntas que faríamos, esclarecendo sempre que não havia respostas erradas, que todas as repostas eram válidas e estariam certas, sendo esta uma das funções que o moderador deve exercer de acordo com Scrimshaw e Hurtado (1987, p. 12). Também priorizamos o estabelecimento de algumas regras que contribuía para o bom desenvolvimento da oficina, mas também da análise posterior dos dados. Nesse sentido, pedimos às crianças que falassem uma de cada vez, que levantassem as mãos quando desejassem falar, ou seja, regras que visavam manter a capacidade de ouvir a todos. Todavia em João Pessoa tivemos dificuldade com o que podemos chamar de disciplina, comprometendo o andamento da pesquisa.

As perguntas eram feitas por todos os pesquisadores de forma intercalada; da mesma forma, também pensamos a organização dos mesmos. Como já falamos, estando todos sentados em círculo, os pesquisadores nunca ficavam um ao lado do outro, mas sempre entre as crianças. Essa forma de organização permite uma maior facilidade no controle da dinâmica, por exemplo, permitindo-nos encorajar alguma criança na fala ou evitando dispersão entre elas.

Em geral, a realização de grupos focais com crianças propicia a elaboração e a reflexão das respostas, os pesquisados criam consenso através da dissensão. Segundo Minayo (2015) é próprio dos grupos focais terem

a qualidade de permitir a formação de consensos sobre determinado assunto ou de cristalizar opiniões díspares, a partir de argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam ocorrer de forma solitária (MINAYO, 2015, p. 68-69).

As perguntas e as respostas das crianças em alguns momentos geraram certa reflexão por parte delas, no sentido de pensarem sobre se concordavam ou discordavam com o que um de seus pares havia respondido ou mesmo de exercitar a memória em relação a tema lançado para elas. Pelo extrato que apresentamos a seguir podemos perceber que algumas respostas, além de tenderem a concordância com as respostas dadas por alguma das crianças, iam sendo complementadas:

Pesquisadora Patrícia: Quando é que a gente sabe que uma pessoa é criança?

Antônio Felipe (12 anos): Brinca.

Pesquisadora Patrícia: Quando ela brinca?

Ana Paola (10 anos): E também quando aprende a ler, a escrever, você começa uma nova vida, desde criança pequena de um ano.
Pesquisadora Natalia: E Antônio... o que que é ser criança?
Antônio Felipe (12 anos): Bom [bem baixinho]
Pesquisadora Patrícia: E bom?
Pesquisadora Flávia: Vocês são crianças?
Todas as crianças: [Sim]
Pesquisadora Flávia: Todo mundo aqui é criança?
Todas as crianças: [Sim]
Pesquisadora Flávia: E como é que a gente sabe que uma pessoa não é criança?
Ana Paola (10 anos): Pela idade, para mim.
Pesquisadora Flávia: Pela idade?
Ana Paola (10 anos): Pela idade... pela idade! É o que eu...
Henrique (12 anos): Pela idade, pela altura, pela aparência...
Pesquisadora Natalia: Mas eu tenho tamanho de criança
Henrique (12 anos): Mas a aparência não [...] Pela forma física, o jeito de pensar e também pelo trabalho.
Pesquisadora Flávia: Humm, trabalho? Qual que é a diferença do trabalho?
Henrique (12 anos): Porque criança, em vez dela fazer trabalho, ela dá trabalho (Transcrição Grupo Focal EVOT, 2018).

Como a técnica do grupo focal exige a presença de outras crianças, há um encorajamento profícuo por parte dos pares, o que não ocorre na entrevista, por exemplo. A realização da técnica com um certo número de pesquisadores também contribui para o controle de crianças que monopolizam as falas, que tentam introduzir assuntos díspares ao que está sendo aprofundado, mantendo sempre o foco no tema em questão ou mesmo trazendo o tema de volta ao debate quando se foge do assunto em questão.

A realização de grupos focais na pesquisa com crianças permite ainda a possibilidade de aprofundar coletivamente algumas questões que se considerem mais relevantes para a pesquisa, o que se mostra como uma vantagem em pesquisas que são realizadas em um tempo mais escasso. Além disso, permite ainda observar diversas formas de comunicação e propicia, em alguns casos, o embate nas respostas, o que também pode se mostrar positivo posto que é uma técnica que fornece ao pesquisador diferentes falas sobre um mesmo tema a partir de um único momento, sendo quase como uma técnica compacta de pesquisa. Mas ressaltamos que os pesquisadores devem sempre se manter atentos a todos os momentos do processo. Face ao exposto, temos o exemplo de quando lançamos o tema família para as crianças do grupo que nos deram a definição de família além da noção de consanguinidade, prevalecendo as relações de proximidade e afetividade. As respostas em relação a essa temática iam sendo complementadas pelas crianças que tendiam a concordar com o que estava sendo dito.

Pesquisadora Patrícia: Como é que a gente sabe quando é uma família?
Ana Paola (10 anos): A gente sabe quando é uma família quando todo mundo tá reunido, tipo, que tá a mãe, o pai, o vô, a vó, os filhos e os irmãos e os tios e as tias, todas as pessoas.
Henrique (12 anos): Para mim, família é... qual é a pergunta, mesmo?
Pesquisadora Flávia: Como é que a gente sabe que é uma família?
Henrique (12 anos): Quando distribui amor, se importa com você, assim, de verdade.
Pesquisadora Flávia: Certo...
Pesquisadora Natalia: Mas, a professora também não distribui amor?
Henrique (12 anos): Distribui.
Pesquisadora Natalia: E ela é da família?
Ana Paola (10 anos): Sim.
Henrique (12 anos): É, porque também faz parte do nosso cotidiano, nossa vida e é ela quem vai levar a gente para um futuro maior
(Transcrição de Grupo Focal EVOT, 2018).

No entanto, questões de natureza individual não tem espaço para abrocharem e, mesmo que surjam, não podem ser aprofundadas durante o espaço de tempo restrito de uma Oficina de Pesquisa, que dura em torno de 1 hora e 30 minutos. Em Catingueira tivemos a chance de conhecer a cidade e realizar trabalho de campo de mais de um ano, o que favoreceu sobremaneira o grupo focal. Em João Pessoa, por sua vez, não tivemos essa oportunidade de forma tão intensa, embora tenhamos feito trabalho de campo etnográfico por 6 meses na instituição (MENDONÇA, 2018). Na ONG na capital paraibana, ficamos com vontade de visitar as casas das crianças, conhecer seus pais e responsáveis, seus irmãos, suas escolas, conhecer mais a fundo e mais de perto algumas das questões que nos foram apresentadas pelas crianças a partir dos Grupos Focais. Tudo isso foi possível em Catingueira, de forma que obtivemos dados de natureza díspar, embora em ambos os contextos tenhamos tido bons resultados. Mesmo com o tempo curto de pesquisa em João Pessoa, o fato de já fazermos pesquisa sobre a mesma temática e com foco nas crianças há mais de uma década favoreceu a nossa entrada e a produção dos dados, na medida em que já sabíamos que questões deveriam ser aprofundadas com as crianças. Assim, a partir do desenvolvimento do Grupo Focal, além do tema do Bolsa Família, que nos era de interesse maior, ficamos sabendo a percepção das crianças acerca do que é família, de quem faz parte da composição familiar, do que é ser criança, do que é infância, a relação de/com trabalho, escola, dentre outros temas paralelos.

Antes de concluir, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre a ética e o consentimento durante os grupos focais com crianças. Como dissemos acima, tivemos uma experiência que se mostrou desastrosa em João Pessoa. Um dos grupos focais simplesmente não funcionou. Uma das crianças, em especial, um menino de 6 anos,

começou a imitar um leão e, a todos os nossos pedidos, apelos e exortações ele respondia com um rugido, que ao invés de ir se acalmando, ia, a cada momento, aumentando de volume e “contaminando” as outras crianças. Terminamos essa Oficina de Pesquisa antes do previsto e com a sensação de fracasso. O “rei dos animais” foi vencedor. Nos sentimos “as hienas”, culpadas pela tentativa (fracassada) de disciplinamento das crianças - afinal, não foi para isso que decidimos estudar crianças! - e, ao mesmo tempo, destronadas da nossa posição superior de adultas. É importante destacar que o nosso “leãozinho” tinha assinado o Consentimento e, aparentemente, nada o forçava a estar ali. Em outro grupo focal, que foi realizado na biblioteca da ONG, percebemos a necessidade de interromper a Oficina uma vez que as crianças estavam se dispersando e indo em direção aos livros expostos. Vimos aí uma necessidade das crianças e tivemos a sensibilidade de adiantar o intervalo para que as crianças pudessem ler. Do contrário, esse também poderia ter sido mais um dia de pesquisa perdido.

4. RÁPIDAS PINCELADAS FINAIS

Nosso interesse com esse trabalho foi mostrar como uma técnica que surgiu a partir das Ciências Sociais, mas que foi por ela deixada de lado durante muitos anos pode contribuir para a pesquisa etnográfica com crianças, sobretudo quando não se dispõem de um tempo prolongado para a realização da pesquisa. A técnica do Grupo Focal como ferramenta antropológica requer, além do óbvio planejamento prévio, um conhecimento da realidade a ser estudada, como no nosso caso que já tínhamos feito pesquisa de campo etnográfica em ambos os lugares. A moderação dos pesquisadores é importante para que haja um rodízio dos papéis para o melhor desempenho do grupo. Além disso, é necessária a atenção e colaboração de todos os pesquisadores envolvidos, planejamento, convite e escolha do local onde a Oficina será realizada, recrutamento dos sujeitos da pesquisa com regulação do número dos sujeitos envolvidos, execução das atividades e, por fim, avaliação e análise dos dados produzidos.

No mais, gostaríamos de destacar que esse artigo não termina aqui, ele é apenas um convite para futuros diálogos e, sobretudo para tentativas de construção de metodologias possíveis nos dias de hoje. O grupo focal ou a Oficina de Pesquisa nos moldes que propomos aqui pode favorecer pesquisas curtas e com escasso

financiamento. Esperamos não estar incentivando as mal faladas pesquisas de final de semana ou pesquisas rasas. Como já dito, o grupo focal é raramente utilizado na antropologia (deve haver uma razão para tal), mas como para um bom entendedor um pingo é letra, em terra de sapo de cócoras com ele.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos**: interação, contexto, comparação. 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

ALDERSON, Priscila. **Children's consent to surgery**. Buckingham: Open University Press, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. M. (1920-1974). **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOGARDUS, Emory. S. The group interview. **Journal of Applied Sociology**, Los Angeles, v. 10, p. 372-382, 1926.

CARVALHO, Maria do Rosário; NUNES, Angela. Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Infância. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 31º. Hotel Glória. **Anais do 31º. Encontro da ANPOCS**. Caxambu/MG, 2007. Disponível em Anais do Evento.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES Allison. (eds) **Research with Children**: Perspectives and Practices. London: Falmer Press, First edition 2000.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Ciências Sociais Passo – a - Passo, Zahar, 2005.

CORREIA, Larissa Vanessa dos Santos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. Criança é tudo igual? O problema da homogeneização do conceito de infância e os caminhos para uma antropologia da criança. **V Conedu** – Congresso Nacional de Educação, Anais. 2018.

DALL'AGNOL Clarice Maria; MAGALHÃES Ana Maria Muller de; MANO, Gustavo Caetano de Mattos; OLSCHOWSKY, Agnes; SILVA, Flávia Pacheco. A noção de tarefa nos grupos focais. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS) 2012 mar;33(1):186-90.

DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Grupo de foco. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação. São Paulo: **Polis**, 2005. p. 101-117.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jerônimo. Religião e criança: o universo infantil através das metodologias, vivências e práticas na igreja adventista. **Revista Temáticas** (Unicamp), v. 51 (2018), p. 1, 2018.

FERREIRA, Manuela, NUNES, Ângela, Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas** [en línea] 2014, 20 (Enero-Abril) : [Fecha de consulta: 18 de febrero de 2019] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193530606007>> ISSN 1516-4896

HORN, Cláudia Inês. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Revista Enfoques** PPGSA-IFCS-UFRJ, vol 13 (1), Dezembro 2013.

JAMES, Allison e PROUT, Alan 1990. **Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. Basingstoke, Falmer Press.

KRAMER Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cad. Pesqui.*, n.116, p.41-59, 2002.

LIMA, Patrícia de Moraes e NAZÁRIO, Roseli. 2014. "Sobre a Luz do Diafragma: A Atribuição da Fotografia na Pesquisa Com Crianças". **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014, p. 491-509.

MALINOWSKI, Bronislaw. "Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa" em Bronislaw Malinowski, **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores). 1984.

MATISSE, Henry. Com olhos de criança. **Revista Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 14, mar. 1983.

MENDONÇA, Karla Jeniffer Rodrigues de. **No tempo dos Tambores: os saberes ritmados pela infância na escola Viva Olho do Tempo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. pp. 61-78.

MULLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. In: **26ª Reunião anual da ANPED. Anais**. Poços de Caldas: Anped, 2003.

PIRES, Flávia Ferreira. "Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica". **Revista de Antropologia**, 2007, 50 (1): 225-270,.

PIRES, Flávia Ferreira e NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. O Propósito Crítico: Entrevista com Allison James. **Educ. Soc.** [online]. 2014, vol.35, n.128, pp.931-950. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/ES0101-73302014110125>.

PIZZOL, Silvia Janine Servidor de. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 451-468, 2004.

QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. Especial, jul./dez. 2002, p. 137-162.

RANGEL, Mary. **Métodos de Ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

RESSEL, Lúcia Beatriz. *BECK, Carmem Lúcia Colomé. GUALDA Dulce Maria Rosa. HOFFMANN, Izabel Cristina. SILVA, Rosângela Marion da. SEHNEM, Graciela Dutra.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.

SANTOS, Patrícia O. S. **A invenção da infância: o Programa Bolsa Família e as crianças da comunidade de Feira Nova (Orobó) no agreste pernambucano**. Dissertação mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

SANTOS, Patrícia Oliveira S. dos 2011. **"Deixa eu falar!"**: uma análise antropológica do Programa Bolsa Família a partir das crianças beneficiadas do Alto Sertão Paraibano. João Pessoa, trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga, Portugal: Centro de estudos da criança, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARAIVA, Marina Rebeca Oliveira. **A fábula da metrópole: a cidade do ponto de vista das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo**. 2009. 181 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp, Campinas, 2009.

SCRIMSHAW, Susan. & HURTADO, Elena. **Rapid assessment procedures for nutrition and primary health anthropological approaches for programmes improvent**. CLA Latin American Center Publications, University of California, Los Angeles **1987**.

SILVA, Antonio Luiz da. **O método etnográfico: uma reflexão a partir de Catingueira**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 11, n. 2, p. 191-209, jul./dez. 2018.

SILVA, Antonio Luiz da. Aspectos éticos na pesquisa etnográfica que incluiu crianças: reflexões oriundas de Catingueira – pb. c&d- **Revista Eletrônica da Fainor**, Vitória da Conquista, v.11, n.3, p.653-671, set./dez. 2018

SILVA, Aracy Lopes da.; NUNES, Angela. Introdução: Contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da criança. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Angela. **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002. pp. 11-33.

SILVA, Wagner Gonçalves. **O Antropólogo e sua magia**. São Paulo: Ed. USP, 2006.

SOUSA, Emilene Leite de. **Umbigos enterrados**: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2014. 422 p.

TRAD, Bonfim A. Leny. *Grupos focais*: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opin. Pública**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001.

NOTAS

O USO DE GRUPOS FOCAIS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM CRIANÇAS

Flávia Ferreira Pires

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional
Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, João Pessoa, Brasil
ffp23279@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0572-3542>

Patrícia Oliveira Santana dos Santos

Doutoranda em Ciências Sociais
Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG) Campina Grande, Brasil
patriciaaoss1288@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0074-3413>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua. Dr. Ivanildo Guedes Pessoa, 184/902. Jd. Oceania. CEP: 58037-325, João Pessoa/PB, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as crianças que aceitaram participar da pesquisa, a EVOT: Escola Viva Olho do Tempo e as alunas pesquisadoras que também participaram da pesquisa, Ana Victória e Natália Freire.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq com Bolsa Produtividade.



CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 28-03-2019 – Aprovado em: 29-08-2018